

NOVA CRÔNICA – 2

– O ano tem trezentos e sessenta e cinco dias, e sendo bissexto trezentos e sessenta e seis.

– Dois e dois são quatro (quando não são vinte e dois).

– Os liberais mordem nos conservadores, que estão de cima; os conservadores calcam os liberais que estão debaixo.

*
* *

– Então que é isto? diz o leitor, intrigado. São estas as novidades da crônica?!

– Se não estas, outras são, deste quilate, leitor amigo.

*
* *

Há doidos inofensivos e há doidos diabólicos. Em uma noite desta semana apareceu na rua de Guanabara um da última espécie, que fez tropelias de sérias consequências.

Feriu gravemente um homem, e quebrou ou consentiu que lhe quebrassem uma perna.

*
* *

Disseram-me que fugiu de uma casa de orates. Há doidos que fogem e doidos de quem se foge.

O mais original é que as armas, de que o alienado se serviu contra o povo, pertenciam a um agente da autoridade, o qual provavelmente patrulhava desarmado, tendo em casa as pistolas carregadas.

Um simples mortal possui armas para se defender dos malfeitores; um agente da força pública, que não é simples mortal, tem armas para nos proteger. Se nem para isso lhe servem, proponho que se suprimam.

*
* *

Um amigo meu, célebre por seus paradoxos, dizia: Se é certo que os homens de estado fazem a felicidade dos povos, suprimam-se os homens de estado, e os povos serão felizes. Se os exércitos são a garantia da ordem, suprimam-se os exércitos e não haverá desordens. Se os diplomatas são os obreiros da paz, suprimam-se os diplomatas, e cessarão as guerras. Se os tribunais são os distribuidores da justiça, suprimam-se os tribunais, e não mais haverá injustiças. Se a polícia deve proteger os homens honestos, suprima-se a polícia, e desaparecerão os tratantes.

Questo é troppo! dirá o leitor que é freguês da companhia italiana. Será, sim senhor; mas eu apresentei o meu amigo, como grande fabricante de paradoxos.

*
* *

Acrescentava o mesmo indivíduo que o orbe terráqueo é uma grande casa com cinco andares, que são as cinco partes do mundo. Cada país é um quarto, excetuando a Inglaterra que é o escritório, a Itália que é a estufa, a França que é a sala de visitas, e o Brasil que é um salão deserto, destinado a encher-se quando chegar a noite do grande baile prometido pelo proprietário. O proprietário chama-se Deus; e não paga imposto, por não ser conhecido dos lançadores.

Sendo assim, os inquilinos da casa constituem uma família, cujos membros saem às vezes dos seus aposentos para brigarem nos corredores. O mais valente ou o mais atrevido penetra no quarto do adversário e quebra-lhe o espelho e a louça do lavatório.

Cumpro dizer que há no prédio uma velha ratazana, chamada Diplomacia, que passeia por toda a casa e está infalivelmente no aposento invadido... mas escondida debaixo da cama. Quando está tudo em cacos, e não há nada mais a quebrar, sai ela então e diz, segundo a catadura do agressor, e a força do agredido: “Pague a louça!” e o outro responde arrependido: “Pago a louça.” Ou: “Não pague a louça!” e o outro brada muito concho: “Não pago a louça.”

Esta alegoria da louça funda-se em que o homem foi feito de barro.

*
* *

Ora, sendo os homens da mesma família, para que toda esta invenção de mandarins e servos? de intrigantes e intrigados? de espertos e tolos? Se a natureza não permite que todos sejamos espertos, sejamos todos tolos e seremos felizes. Mas antes de tudo, mate-se a ratazana.

*
* *

A conclusão do homem era que o mundo fosse um município.
Este vai muito mais longe do que o Sr. ministro do Império.
Recomendo-o à polícia sanitária.

SILENO [Machado de Assis]
[*Semana Ilustrada*, n. 450, p. 3598, 25 jul. 1869]
Editor: Ivo Korytowski